

Feliciano Duarte, a boa disposição como arma contra a doença

Fala com a esperança e a alegria dos 18 anos, mas também com a sabedoria e tranquilidade dos 81. Pautou toda a sua vida pelo trabalho e entrega aos outros. É dono de uma energia única e é com ela que luta contra a doença que, em 2014, lhe entrou na vida sem aviso prévio. Chama-se Feliciano Duarte. É de Aveiro e tem muito para nos ensinar.

Feliciano Duarte tem 81 anos de uma vida bastante ativa, quer profissional, quer socialmente. Nasceu na Vera Cruz, em Aveiro, onde sempre viveu. "Perto da Ria", como gosta de lembrar, porque foi sempre à Ria que foi buscar força e inspiração.

Empregado bancário durante 41 anos, Feliciano sempre arranjou tempo para contribuir para uma vida em comunidade mais próxima e mais solidária. Esteve 12 anos ligado à mítica Banda da Amizade e é também há 12 anos que pertence aos órgãos dirigentes dos Bombeiros Novos.

A vida corria, sempre cheia de altos e baixos, quando, em 2014, tudo mudou ao ritmo de uma dor lancinante: "Uma dor anormal levou-me ao hospital. Diagnosticaram-me cancro nos intestinos. Fiquei logo internado e fui operado de urgência, pelo Dr. Eduardo Oliveira, e correu muito bem. Depois houve ali umas dores, mas tudo correu bem. Fui paciente e a assistência foi espetacular. Comecei os tratamentos um mês e meio depois. Prolongaram-se por cerca de seis meses, mais precisamente 12 sessões, de 15 em 15 dias, com o sofrimento normal que aquilo dá. Desta vez não me caiu o cabelo, só tive umas diarreias. Correu bem. Tinha um índice de sangue muito bom", conta.

Mas quando pensava que o pior já tinha passado, Feliciano Duarte teve uma nova deceção: "No exame final, logo após o fim do ciclo de tratamentos, detetaram-me uma metástase no fígado. Fui enviado para o Hospital de Coimbra, onde fui seguido pelo Dr. Tralhão. Foi muito complicado. Não foi a operação em si, mas sim a recuperação, porque a cirurgia atingiu uma parte do músculo, que tomou tudo mais difícil. Custou muito a recuperar", diz, sem conseguir disfarçar a dor que essa memória ainda lhe traz.

A esta cirurgia seguiu-se um novo ciclo de tratamentos de quimioterapia. Mais 12 trata-



mentos feitos no Serviço de Oncologia do Centro Hospitalar do Baixo Vouga.

Já mais frágil, conta como foi mais dura esta segunda experiência de quimioterapia: "Foi tudo muito seguido. Quando estava a recuperar, já estava a fazer novo tratamento e é claro que o corpo se ressentia. Aquela parte final foi muito difícil".

Acabou os tratamentos em 2016 e, desde então, tem-se aguentado bem. Sempre vigilante, mas felizmente com boas notícias. Ainda assim, não arrisca o veredicto: "Eu nunca digo que venci o cancro. A pessoa está sujeita. Eu fiquei parvo quando me apresentaram o diagnóstico e só pensei: não bebo, não fumo e apanho isto! Fiquei revoltado. Eu nunca vi sangue nas fezes. Era uma coisa pequenina e deu nisto! Sofre-se muito".

Encarar a doença com boa disposição

O confronto de Feliciano com a doença oncológica foi talvez o mais duro da sua vida. Na verdade, antes do cancro, já tinha colecionado umas tantas cirurgias, das quais se lembra com uma leveza incomum: "Vou sempre a sorrir quando vou para uma operação. Digo aos ou-

ros que vão ser operados: não penses assim, não sentes nada!".

Para além das duas cirurgias que realizou por causa do problema oncológico, Feliciano Duarte já foi operado a um aneurisma, à próstata e a uma perna. Sempre com uma resistência invejável e recuperações bem-sucedidas, o que, para Feliciano, tem uma explicação: "Nunca tive vícios. O meu único vício foi praticar desporto durante aproximadamente 30 anos. Fiz todos os desportos, mas o basquetebol foi o principal. Joguei no Galitos. Joguei vólei, andebol. Isso fez-me bem, deu-me muita resistência", afirma de forma peremptória.

De resto, não tem dúvidas de que a boa disposição é uma ótima arma no combate à doença: "Nos tratamentos de quimioterapia, que duravam cerca de seis horas, passava o tempo a ler e a contar anedotas. Criámos uma aproximação muito boa. Os próprios doentes pediam-me para estar sempre a falar", diz com um certo orgulho.

Criou laços fortes com os outros doentes, mas também com o corpo de profissionais do Serviço de Oncologia, a quem não poupa elogios: "Lá em cima são ótimos. O tratamento assistencial é muito bom. Na verdade, não tenho nada a apontar ao Hospital. O acompanhamento foi sempre muito bom. Felizmente, podia ter optado por outro tipo de instituições porque o banco paga tudo, mas sempre preferi o hospital. Confio muito no hospital".

A doença obrigou-o, por exemplo, a fazer alguns sacrifícios ao nível da alimentação, mas o corpo médico e de enfermagem ajudaram Feliciano a dar a volta: "Nunca comi queijo, manteiga, iogurtes e azeitonas na vida. Não gosto. Só o cheiro incomoda-me. Quando fui operado aos intestinos, na primeira vez, a enfermeira disse-me que tinha que beber um iogurte. Eu disse-lhe que não conseguia, que me metia nojo. O Dr. Eduardo mandou gelar o iogurte e assim teve que ser durante sete dias. Teve que ser para o intestino funcionar. Na altura fechava os olhos. Teve que ser". E foi e fez-lhe, de facto, bem. Mas a aversão aos iogurtes não desapareceu: "Depois disso, nunca mais lhes toquei. Não consigo", partilha.

Dos tempos da doença, ao nível alimentar, preserva o gosto pela sopa e pelos frutos vermelhos. Continua a beber o seu copo de vinho

à refeição e também não dispensa o seu cafezinho. Tudo com peso e medida. De resto, foi sempre com peso e medida que pautou a sua vida e acredita que é por isso que, apesar dos embates, ainda cá está para partilhar e para viver.

"Tenho apanhado sustos mas felizmente tenho ultrapassado tudo. O que eu quero dizer à malta é: não fumem e não bebam bebidas brancas. Isso é o principal para a defesa do organismo". É verdadeiramente nisto que Feliciano Duarte acredita e por isso sente ser sua obrigação lembrá-lo a todos, voltando a dar o seu exemplo em jeito de confirmação de tese: "Quando fujo um bocadinho, que não é nada, sinto logo. Já não sou igual".

Porque quer continuar vivo e de boa saúde, Feliciano aprendeu a defender-se, até porque sente que a doença o deixou mais frágil: "Só fui cinco minutos ao S. Gonçalvesinho. Tenho medo do frio. No Natal, por exemplo, fui ao jantar dos Bombeiros Novos e só de vir de lá até casa (que é pertinho) fiquei logo com uma gripezita. Sim, agora previno-me mais".

E faz muito bem, Feliciano Duarte. Obrigada por partilhar conosco a sua história tão positiva e continue assim: do alto dos seus "18 anos", tão alegre, ativo e bem-disposto! «

Centro Hospitalar do Baixo Vouga

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

DOENÇAS ALÉRGICAS

Prof. Dr. Luís Delgado

Médico Especialista - Imunoalergologia
Professor da Faculdade de Medicina do Porto
AVEIRO

Clinica Capão Filipe - 234 371 344 / 960 467 528
clinicapaoofilipe@gmail.com

PORTO

Rua da Piedade, 43 2.º Esq. s/21 4050-481 Porto.
Contato: 226 090 767

Marcação: de 2.ª a 5.ª, a partir das 14h

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

JUÍZO DE COMPETÊNCIA GÉNÉRICA DE ILHAVO - JUÍZ 1

Av. Nossa Senhora do Pranto, 3830-048 Ilhavo
Telef: 234118320 Fax: 234118339 Mail:ilhavo.judicial@tribunais.org.pt

ANÚNCIO

Processo: 30/18.678LH	Interdição / Inabilitação	NºReferência: 100675890
		Data: 29-01-2018

Requerente: Maria Júlia Gonçalves Sardo
Incapaz: arla Alexandra Gonçalves da Rocha Martins

Faz-se saber que foi distribuído neste tribunal, a ação de interdição/inabilitação em que é requerido Carla Alexandra Gonçalves da Rocha Martins, com residência em domicílio: Rua Afonso de Albuquerque, N.º 220, 3830-574 GAFANHA DA NAZARE, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

A Juiz de Direito,
Assinatura eletrónica
Dra. Liliana Novais Capela
A Oficial de justiça,
Isabel Carvalho

(Diário de Aveiro n.º 10.872, de 07-02-2018)

Limpeza de chaminés (sem sujar)

Desentupimentos esgotos
(c) inspeção vídeo)
deteção fugas de água

935 708 706